



entrevista

Helder Dantas (texto)
Artur Campos (fotografia)

EVISTA: Em que medida é que esta criação se revela como uma proposta unificadora, como espelha o título?

Clara Andermatt: O projecto resultou da coreografia, do meu encontro com estas pessoas, da minha experiência, das minhas descobertas; acho que consegui que eles se descobrissem. Esta mensagem unificadora tem a ver com a própria mensagem que o Henrique transmite com este projecto [Dançando com a Diferença], que é, no fundo, a que toda a gente com vontade, qualidade e sensibilidade artística pode dançar.

Em que medida é que este projecto concretiza essa perspectiva?

Eu já tive a oportunidade de trabalhar com muitos grupos diferentes, com diferentes etnias, com diferentes idades e com pessoas que nunca tinham dançado e tiro daí esse exemplo. Acho que a expressão e a sensibilidade artística saíam cá para fora, para o corpo e para a comunicação, que é, no fundo, aquilo que queremos para a Arte.

O que pretende dizer quando salienta a vertente unificadora no título do espectáculo? Este espectáculo tem essa vertente (o de transmitir a mensagem unificadora) e o título tem a ver com algo que nos transcende, em que nós agradecemos, em que pedimos também; em que as "antenas" são quase como que um

Comunicar a Arte

PARTINDO DE UMA DAS MÚSICAS DOS "GODSPEED YOU BLACK EMPEROR!", CLARA ANDERMATT CONCRETIZOU UMA COREOGRAFIA PARA O GRUPO DANÇANDO COM A DIFERENÇA, ONDE A SUA ARTE SERVIU DE COMBUSTÍVEL PARA A UNIÃO DAS PESSOAS



pedido de orientação, porque acho que estamos todos muito desorientados no mundo. Pelo menos é aquilo que eu tento transmitir.

Quando cá veio em Abril para o processo de criação deste espectáculo, como foi o contacto com o grupo?

Eu não conhecia o grupo e nunca tinha trabalhado num grupo com estas características. A forma como iniciei o trabalho foi realmente o de querer conhecer estas pessoas, conhecer o seu corpo e a sua personalidade, de querer conhecer quem são.

O que é que tentou imprimir na criação e durante os ensaios como forma de libertação do seu corpo ou de transpor as limitações do seu corpo?

Acho que conversamos bastante. Fizemos muitos exercícios de improvisação, muitos de contacto com o outro corpo. Pessoas que tinham dificuldade, por exemplo, em saber lidar com um corpo diferente... desmistificar esse lado.

Como coreógrafa, esta experiência vem no seguimento de uma série de criações marcantes.

Reporto-me especificamente à fase da sua ligação a Cabo Verde. De que modo é que vê a influência deste tipo de experiência no seu trabalho?

Tenho uma vontade e uma curiosidade de trabalhar com grupos e comunidades diferentes, no sentido de aprender, de crescer e de ser útil. Acho que quando nós conseguimos conciliar a nossa aprendizagem e o nosso prazer com utilidade, há uma grande compensação. À medida que vou tendo estas diferentes experiências, vou conseguindo integrar-me num mundo que é completo e onde estamos todos inseridos, e eu não estar fora dele, mas sim dentro dele e fazer parte dele.

Os últimos acontecimentos respeitantes à extinção do Ballet Gulbenkian apanharam o meio muito desprevenido. O que augura para a dança contemporânea em Portugal?

Acho que estamos todos numa grande expectativa. O que é que vai surgir no apoio para a vertente mais contemporânea? Não sei! Acho que foi um choque brutal, não só pela extinção da companhia como pela forma como o processo se desenrolou. A companhia tinha necessidade de algumas remodelações e

toda a gente sabia disso, mesmo as pessoas que lá estavam. Agora, parece-me que há uma perda grande.

O que tem preparado para os próximos tempos?

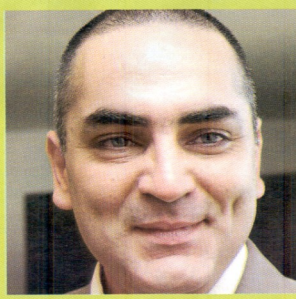
O meu próximo projecto é trazer um grupo com quem estive a trabalhar em Londres, que é um grupo de pessoas com mais de 60 anos, o que foi também uma experiência fantástica. E vamos a Faro, para apresentar um espectáculo numa plataforma na Faro Capital da Cultura. E a seguir início outro trabalho, também para este evento, que é de grandes dimensões, que envolve dez adolescentes de uma escola secundária de Olhão e com músicos e bailarinos.

Muita coisa ao mesmo tempo?!

É verdade (risos). Este ano tenho lidado com muitas experiências diferentes.

Onde é que vai buscar essa energia toda?

(Risos) Eu acho que a minha energia passa muito pelo contacto com as pessoas. As pessoas que me envolvem, vou roubando essa energia que me vai alimentando.



Tempo de viragem

Após dois anos de existência, o Grupo Dançando com a Diferença tornou-se na primeira companhia portuguesa com bailarinos portadores de deficiência a ter um grande espaço cultural como residência, neste caso o Centro das Artes Casa das Mudas, na Calheta. A recente apresentação da coreografia de Clara Andermatt, "Levanta os Braços como Antenas para o Céu", contribuiu, também, para a afirmação de um «ponto de viragem» para o grupo, confessou o director artístico.

Henrique Amoedo sublinhou o «cuidado extremo» que esta reputada coreógrafa teve com os 15 bailarinos que participaram na materialização do espectáculo. No seguimento deste trabalho, o director desta colectividade realçou «o enorme crescimento artístico resultante desta experiência», que contribuiu ainda mais para a inclusão social de pessoas portadoras de deficiência na sociedade, mormente através da expressão artística corporal.

Desprovidos de artifícios ou figurinos muito elaborados, numa «exposição total» dos corpos em movimento, de modo a que pos-

sam ser, em primeira instância, as «personagens centrais da coreografia». Amoedo afirma-se plenamente satisfeito com os resultados obtidos com esta nova fase da "sua" companhia. Ainda para mais, tendo em conta os novos desafios que se avizinhavam, devido ao protocolo firmado recentemente com os responsáveis da Sociedade de Desenvolvimento Ponta do Oeste. Este documento explicita a necessidade de este grupo efectuar, pelo menos, quatro espectáculos por ano na sua "casa", a par das colaborações com as escolas dos concelhos da Ribeira Brava, Ponta do Sol e Calheta.